

O EFEITO DA IDOLATRIA NA SOCIEDADE HUMANA (SL 82)

Paulo de Lima Portes

1. Introdução

Que relação haverá entre o Salmo 82 e a vida que se vive a cada dia? Que relação haverá entre um texto bíblico e a vida do pobre, do órfão e do necessitado? Que relação haverá entre um estudo das Escrituras Sagradas e aquilo que acontece entre as nações? Como pode um salmo desses aclarar, lançar luz sobre a sociedade humana e suas estruturas, por meio da análise da idolatria? Em que a aproximação do ser humano aos deuses pode repercutir, trazer conseqüências para o modo de viver da sociedade?

A princípio, tem-se a impressão de que um nível não adentra o outro. O nível cúl-tico, litúrgico, nada tem a ver com o que acontece na vida, nas relações sociais, no go-verno das nações, nas injustiças e desigualdades que fazem a terra gemer. Não perce-bemos a relação direta entre idolatria e ignorância popular, entre o culto aos deuses e a cegueira que impede o ser humano de caminhar por estradas produtoras de vida. Culto é culto e vida é vida, imaginamos. A adoração não tem efeitos práticos, e pouca dife-rença faz a escolha de nossos deuses diante dos quais nos dobramos.

Não é assim que pensa o Livro dos Salmos, especialmente o nosso Salmo 82. Pe-queno, ele é deixado de lado pelos nossos olhos que gostam de buscar grandes coisas e grandes textos. Esse fantástico salmo nos apresenta, de maneira surpreendente, uma crítica à adoção dos deuses das nações como divindade. Usando de ironia, vai nos fa-zendo penetrar uma assembléia especial, um conselho de deuses, onde participa o grande Deus de Israel.

Já de partida, uma dificuldade se nos impõe: O salmo apresenta uma assembléia de deuses, sem questionar sua existência. Enquanto outros salmos (96,5 e 106,37, por exemplo) desfazem, criticam, diminuem categoricamente os deuses, o salmo 82 os in-troduz no texto, quase respeitosamente. Lá se encontram eles numa reunião de altíssi-mo nível, um supremo concílio que tem a finalidade de decidir questões relacionadas às nações, aos povos. É que esse texto escolheu uma maneira especial, uma forma toda elaborada de chegar ao mesmo lugar usando crenças de sua época. Cada uma das na-ções tinha o seu deus que se ocupava com os direitos de seus adoradores. Na reunião produzida pelo salmo 82, o Deus de Israel vai tomar a palavra e vai falar. Como tudo isso vai se desenrolar, e o que podemos esperar?

2. Pelos caminhos do texto

1. O texto em nossa bíblia

Vamos começar apreciando o nosso texto, como se encontra na Bíblia de Jerusalém. É importante que caminhemos cuidadosamente pelos caminhos do texto:

*1. Deus se levanta no conselho divino,
em meio aos deuses ele julga:*

*2. "Até quando julgareis injustamente,
sustentando a causa dos ímpios?"*

*3. Protegei o fraco e o órfão,
fazei justiça ao pobre e ao necessitado,*

*4. libertai o fraco e o indigente,
livrai-os da mão dos ímpios!*

*5. Eles não sabem, não entendem, vagueiam em trevas:
todos os fundamentos da terra se abalam.*

*6. Eu declarei: Vós sois deuses,
todos vós sois filhos do Altíssimo;*

*7. contudo, morrereis como um homem qualquer,
caireis como qualquer dos príncipes".*

*8. Levanta-te, ó Deus, julga a terra,
pois as nações todas pertencem a ti!*

2. A estrutura do texto

Vamos, agora, fazer um pequeno arranjo, com pequenas diferenças, tendo como base o mesmo texto já visto acima, somente para facilitar, aos nossos olhos, a apreensão do conteúdo. Sem levarmos em conta os números dos versículos, percebamos as frases que estão muito bem distribuídas:¹

Elohim se levanta no conselho de El, em meio aos elohim ele julga:

"Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?"

protegei o fraco e o órfão.

Fazei justiça ao pobre e ao necessitado,

libertai o fraco e o indigente,

livrai-os das mãos dos ímpios!

Eles não sabem, não entendem,

em trevas vagueiam as:

todos os fundamentos da terra se abalam.

Eu declarei: vós sois elohim,

todos vós sois filhos de Elyon;

1. STEK, J. H. *Aspectos da Poética do Antigo Testamento e Uma Introdução a: Salmos, Provérbios e Eclesiastes, Luz Para o Caminho*. Campinas: SP, 1985, p.41. Faço aqui uma tentativa de transportar para o texto em português, a estrutura sugerida pelo autor, no texto hebraico.

contudo morrereis como um Adam qualquer; cairéis como qualquer dos príncipes”.
Levanta-te, ó Elohim, julga a terra, pois as nações todas pertencem a ti!

Ainda que o olhar seja rápido, o arranjo das frases pode nos ajudar a entender a mensagem do salmo. Iniciando (v. 1) com Deus (Elohim) no conselho de El, um deus cananeu que toma para si o papel de supremo deus do panteão². Ele preside o conselho, a assembléia está sob sua regência. O salmista nos introduz nessa assembléia onde Deus se levanta e toma a palavra para julgar.

A seguir (v. 2, 3 e 4), vem a palavra do julgamento de Deus sobre os deuses, que deveriam julgar retamente as nações, mas não o fazem. Deveriam atender à causa do fraco, do órfão, do pobre, do necessitado, do aflito, do indigente, mas os abandonam à própria sorte. Deveriam deixar os ímpios sem sustentação e sem poder de oprimir, mas, pelo contrário, conferem-lhes força. O julgamento de Deus é exato e certo.

No centro do salmo (v. 5a), concentra-se a avaliação negativa que Deus faz dos deuses: “Eles não sabem, não entendem”. A ignorância, incapacidade intelectual, e a falta de visão dos deuses, são a causa do caos do mundo, e a raiz do salmo. Tudo está escrito para dizer que os deuses não valem coisa alguma.

No bloco seguinte (v. 5b, 6 e 7), vemos, ainda da parte de Elohim, o resultado da cegueira dos deuses que se reflete nos fundamentos da terra. Uma declaração de Deus mostra que os deuses se têm em alta conta (são elohim, mesma designação dada a Deus; são, ainda, filhos de Elyon, ou, juntando-se com o v. 1, filhos de El Elyon), contudo, vão morrer como homem (Adam, Adão), como qualquer dos príncipes.

Ao final (v. 8), o salmista reaparece solicitando a Deus que tome o julgamento da terra em suas mãos, e conferindo ao mesmo Deus a autoridade sobre todas as nações, porque elas lhe pertencem, são sua herança.

As frases do salmo têm o poder de aclarar a nossa mente, com respeito aos deuses e à idolatria, com uma maestria impressionante. Ficamos surpresos com a apresentação desse conselho de El, aguçamos nossa atenção quando Deus começa o seu julgamento, gargalhamos diante da declaração que Deus faz, a respeito da fragilidade e finitude dos deuses, mas, acima de tudo, com seriedade, guardamos a lição central: “Eles não sabem, não entendem”.

2. Cf. RENDTORFF, R., “El, Baal e Javé”, Em: *Deus no Antigo Testamento*, ASTE, 1981, p. 159.

3. Pelos caminhos da vida

1. O salmo 82 e a idolatria – Ignorância divina e humana

Já vimos, anteriormente, que o miolo do salmo 82 é a avaliação que Deus faz dos deuses: “Eles não sabem, não entendem”. É interessante como o texto passou a ser usado, inadequadamente, para se falar a respeito dos juízes e dos príncipes, como se o autor estivesse comparando esses homens a deuses. Por causa da citação de Jo 10,34, muitos entenderam que o texto se referia a homens, e interpretaram o salmo na contramão, do Novo para o Antigo Testamento. Muito já se disse a respeito disso, mas é bom que se repita que o sentido original do AT independe de sua citação no NT. Além disso, fica muito claro no salmo que o objeto do texto não são os juízes de Israel, mas os deuses. Contudo, em alguma coisa esses intérpretes estavam corretos. A aplicação da lição deve ser feita no âmbito humano. É lógico que o povo é que deve receber o ensino proveniente desse salmo. São seres humanos, e não divinos, os que têm muito a aprender com essa leitura.

Quando Deus, na assembléia de El, avalia os deuses como seres sem sabedoria e sem entendimento, provoca num outro patamar uma discussão concreta e palpável. Por que, então, o povo tem necessidade de ouvir tais deuses? Eles nada têm a dizer. No chão firme de cada dia, o povo vai deixando de lado os seus ídolos a fim de se abrir para a voz daquele que possui todas as nações. Se o povo ainda permanece ouvindo ídolos, após haver escutado avaliação tão negativa a respeito deles, então se torna alvo do salmo. O próprio povo é louco, cego, ignorante. Quando teme os cavalos e cavaleiros inimigos, por temor aos seus deuses, é porque nada sabe. Quando se encanta com a política e com a religião de povos estrangeiros, é porque deixa de entender que é a Deus que todos os povos pertencem. É muito interessante que o Segundo Isaías, no capítulo 44,18, faça uso da mesmíssima expressão, também no contexto de uma avaliação dos deuses e daqueles que os adoram. A respeito dos que fazem deuses para si mesmos, depois se prostram diante deles e prestam culto, Isaías diz: “Eles não sabem, não entendem”. É significativo que a ironia que lança abaixo os deuses, seja a mesma ironia que rebaixa o ser humano a um patamar de ignorância, cegueira, desumanidade e injustiça. Os deuses, de certa maneira, são os próprios homens projetando a si mesmos e aos seus desejos em busca de seres divinos manipuláveis o bastante para atendê-los. Querem deuses que não os impulsionem ao crescimento, ao amadurecimento, à humanização, à responsabilidade. Preferem deuses que não os conduzam pelos caminhos de uma avaliação séria da sociedade na qual vivem, nem de suas estruturas injustas. Deuses, afinal, tão ignorantes quanto aqueles aos quais pretendem guiar.

2. Uma conexão com os profetas – Perdendo a elegância do Salmo 82

Podemos enxergar com facilidade a fina ironia do Salmo 82. Com mentalidade profética, ele rebaixa, sem dúvidas, os deuses, mas o faz com elegância. Sua linguagem chega perto da exaltação dos deuses, por sua beleza. Sua poesia consegue fazer com que mesmo aquilo que é ruim e que deve ser desprezado, se apresente com fineza. Não é assim com os profetas. Eles não domam as palavras, e, dizendo, muitas vezes, a

mesma coisa, falam de modo diferente. O salmo, em outra forma literária, provoca a imaginação com outras ferramentas.

O Livro do Segundo Isaías já foi citado, mas voltamos a ele para que nos auxilie a entender como uma forma literária diferente pode dizer a mesma coisa. Em Isaías 44, seria impossível usar a idéia de uma assembléia de deuses. Os deuses são coisas, e assim devem permanecer. É importante para o autor que pedra continue sendo pedra e pau continue sendo pau. A linguagem é bem mais rústica e atende à necessidade do escritor e dos leitores de Isaías. A mensagem precisa ficar bem clara. Quem toma um pedaço de pau e o transforma em deus, está ruim da cabeça: “Eles não sabem, não entendem”. Uma linguagem assim, mais crua tem por finalidade desmitificar o mundo, despovoá-lo de deuses.

Hans Walter Wolff, em seu trabalho sobre Javé e os deuses³, nos relembra as mensagens dos profetas. Oséias fala dos deuses como quem fala de amantes aos quais se vai por interesse, como em Os 2,5 (2,6, na Bíblia de Jerusalém), onde a mãe prostituta corre atrás dos amantes por pão, água, lã, linho, óleo e bebida. Em Isaías, Wolff nos faz ver que a sua designação de ídolos por *'elilim*, que aparece 10 vezes no livro parece nos levar à idéia de “deusinho”, de “mini-deus”, ou de “fracalhões”, e “incompetentes”. Ezequiel, segundo Wolff, designa os ídolos de maneira geral e nova. Os deuses estranhos são os *gillulim*, etimologicamente ligada com *gel* (esccremento, estrumeira), chegando a significar “fezes humanas” e “esterco de vaca”, simbolizando alta contaminação. Com isso, os deuses são descritos como “seres fecais”. De acordo com Wolff, em linguagem corrente, seria melhor traduzir por “deuses de merda”. Israel contaminou-se com “deuses de merda”.

Que mudança do Salmo 82 para os profetas, mas a mensagem continua a mesma: “Eles não sabem, não entendem”. Há uma razão para a mudança. Os profetas são muito diretos em seu linguajar, enquanto o salmo “faz de conta” que aceita o mundo dos deuses tal qual lhe é apresentado e depois o mina, o enfraquece, e o faz desabar. De qualquer forma, há uma intolerância declarada para com o culto aos deuses.

4. Conclusão

1. Não temos certeza da época desse salmo. Nem mesmo pesquisando o vocabulário e as relações com outros livros, dá para se ter certeza. É muito extensa a época de relação com os ídolos, com os deuses. Israel se formou e viveu sempre em relação com outros povos que tinham os seus próprios deuses. Da entrada na Terra Prometida até o desterro para a Babilônia, passando pela monarquia e pela divisão do Reino, muito tempo há para ser retratado. É claro que a partir do séc. X aC, encontramos o chão mais adequado ao nosso salmo. Porém, a partir daí, nos tempos pré-exílicos, exílicos, e pós-exílicos, muita coisa há para se falar sobre os deuses no céu e sobre os idólatras na terra. Note-se, ainda, que ele não é um salmo javista em sua construção original: O nome de Javé não

3. Wolff, H. W., “Javé e os Deuses na Profecia Veterotestamentária”, Em: *Deus no Antigo Testamento*, ASTE, 1981, págs. 227-255.

aparece, mas somente a designação Elohim. A redação pós-exílica deixou sua marca em quase tudo que havia anteriormente. O certo é que, mesmo que tenha sido escrito anteriormente, o seu uso se perpetuou, e ele entrou na seleção final dos salmos, além de ter tido ainda uma outra classificação sobreposta: “Salmo de Asaf”.

2. Muito bem, o uso dele nos interessa mais. A denúncia da existência de um conselho de deuses na mente das pessoas, nas culturas pagãs, e, conseqüentemente, na fé que Israel importava para si, serviu para trazer o povo a um raciocínio mais equilibrado e sadio. A desmitificação de um mundo povoado por deuses, traz um resultado também unificador à própria personalidade humana. Não sendo mais lançado de um lado para o outro conforme o querer de cada Deus, o ser humano permanece íntegro, um ser respondendo a um outro ser superior, sem a esquizofrenia própria de quem tem que responder a muitas vozes diferentes, dividindo-se também em muitos.

3. Há uma relação entre a adoração a outros deuses, e as estruturas malignas e injustas desse mundo. Numa relação prática, aos deuses existentes na assembléia dos deuses, correspondem estruturas ímpias de subjugação dos fracos, dos órfãos, dos que não têm forças próprias para lutar contra o sistema. Quando a voz de Deus se faz ouvir entre os deuses, e eles se calam, um certo ar de vitória vai começando a tomar conta de nós e nos leva a repercutir tal palavra entre os homens. Afinal de contas, se deuses se calam diante dele no conselho de El, porque nós não nos calaremos na terra para ouvir a sua voz?

4. O culto, a adoração ao único Deus de Israel, encontra lugar. A exaltação a Deus se estabelece na terra como resposta aos seus argumentos no céu. Aqueles que continuam querendo fazer para si mesmos deuses de pedra e de pau “não sabem, não entendem”.